

O ORGANUM DE TONA, CATALUNHA

Luís M. G. CERQUEIRA

Abstract

In a document from Tona, Catalonia, dated 888 A. D., we find the word *organum* among other objects donated to the church of Saint Andrew's monastery. This word has been understood as a clerical or write error, a book of polyphonic music and a musical instrument. However, by comparison with a similar document from Guimarães, in the north-west of the Iberian Peninsula, dated 959 A. D., we can deduce that it is in fact a archaic way to designate the Book of Psalms, that has survived in the Northern Peninsula until the Xth century.

Resumo

A palavra *organum*, que encontramos no documento de fundação da igreja do mosteiro de Tona, na Catalunha, datado de 888 d. C., foi interpretada como erro de cópia ou escrita, livro de polifonia e instrumento musical. Contudo, através da comparação com um documento similar de Guimarães, no Noroeste da Península, datado de 959 d. C., concluímos que se trata de uma forma primitiva de designar o Saltério, que sobreviveu na Península até ao séc. X.

Em documento redigido em 13 de Janeiro de 888 d.C., em Tona, na Catalunha, o presbítero Álvaro oferece à igreja do mosteiro de Santo André «calicem et patenam, missalem, lectionarium et *organum*, casullam, alba et stolla»¹. O significado do termo *organum* neste documento

1. Este documento é citado por Julio-Miguel Garcia Llovera, *De organo vetere hispanico. Zur Frühgeschichte der Orgel in Spanien*, St. Ottilien, 1987, p. 295: «In nomine Domini Dei summi haec regnis eterni. Sub anno incarnationis Domini nostri Ihesu Christi .DCCC.LXXX.VIII, indicione VI, seu sub anno primo quod oviit Karolus imperator, Christo regnante rege spectantem, seu in dies idus ianuarii. In diebus predicti et tempore prefato, ueniens eximius uirque pacificus almusque pater reuerentissimus summusque sacer Gotmarus episcopus in comitatu Ausona, in castro que nuncupant Tonda, ad consecranda ecclesiam Dei que sita est in eodem locum adque in honorem Sancti Andre apostoli dicatam, quam corde contrito et nutu diuino edificare conatus est uidelicet uiri inlustris id est Albarus presbiter, Recharedus presbiter et Centurius et Bera et Ella et Gallenius siue et omnes homines commanentes in prefato castro Tonda, in uius meritum surrexerunt limina adque tradiderunt ad eadem ecclesiam, ad pontificem illi ut dedicaret sicuti hec benedixit hac dedicauit ecclesiam sancti Andree apostoli meminiti. Ad ipsius dedicationem tradimus nos ego Albarus, presbiter, calicem et patenam, missalem, lectionarium et *organum*, casullam, alba et stola. Et ego Recaredus presbiter trado ibi similiter lectionarium, calicem et patenam et casulla et stola. Et ego supra dictus presbiter Albarus et pater meus Centurius tradimus ibi terras cultas modiatas.. sic tradimus hec omnia ad ipsius domum Sancti Andre apostoli et ipso sacerdote predicto Albaro qui modo ibi Deo deseruit et sacerdotibus cunctis qui ibi in futuro tempore sunt seruituri... Et ego Gotmarus, humilis episcopus, dono ibi casam cum curte que est iusta ipsa ecclesia, et dono ibi decimas et primaas de ipso castro Tonta, et de omnes aiacentias et territorio suo, et fines, et suos apenditios sicut auctoritas iubet. Facta dote Beati Andree Apostoli Cristi sub priscum datarum, id est Idus Ianuarii, anno Incarnationis prefate dccclxxxviii, uel supra nominata indicione VI. anno primo quod ouijt Karolus Imperator.»

catalão causou dificuldades de interpretação e provocou várias tentativas de solução: o *organum* nele referido foi entendido como instrumento musical por Higino-Anglès, livro com composições polifónicas por Perrot², e finalmente erro de escrita, que não de cópia, uma vez que entretanto se descobriu o documento original, que confirma a leitura das cópias que se conheciam³. O escriba teria escrito *organum* por *ordinum*, erro que, todavia, o mesmo escriba não comete num outro documento de fórmula semelhante, em que escreve *ordinum* sem hesitações⁴.

O confronto com um documento de Guimarães, no Noroeste peninsular, pode ajudar-nos a esclarecer o assunto.

No ano de 959, Mumadona fez uma magnífica doação ao mosteiro de S. Mamede, em Guimarães, por si fundado. Nessa doação, cujo texto chegou até nós graças a uma cópia do séc. XII, são oferecidas à comunidade múltiplas alfaias litúrgicas e um rico acervo de livros. No rol em que são individualizados os códices surge um termo que tem também provocado interpretações desencontradas. Trata-se da palavra *organum*⁵.

Considerado o contexto, haverá de tratar-se de um livro, e esta é a explicação corrente. Manuel C. Díaz y Díaz propõe que *organum* seja uma má leitura da cópia do séc. XII, por *orationum* (liber)⁶.

2. Llovera, *op. cit.*, p. 156: “Anglès schrieb diesem Dokument den Wert eines Belegs für die Orgel zu; Perrot ist hier allerdings anderer Meinung: der Text wäre zweideutig und darin würde für ihn die Zweifelhaftigkeit des Faktums liegen. Die Zweideutigkeit scheint sich in der Gegenüberstellung von ‘Organum’ in der Bedeutung als ‘Instrument’ und als Mehrstimmigkeit zu beruhen [sic!], d. h. das instrumentale ‘organum’ dem ‘vocalem’ [sic!] gegenüber. Perrot’s Gründe wären evtl. die Worte “in arte organandi” der Chronik Ademar’s, die er zweifelsohne im Sinne ‘vocale organum’ interpretiert; aber er sagt nicht, welchen Wert gegen seine eigene Gewißheit die Bemerkung hat, (das schwächt zumindest sein ‘certainment’), wenn er sie wegen einer aus de 17. Jh. von ihm selbst zitierten Ausgabe macht, wobei es sich um das Orgelspiel handelt.”

3. Manuel Rovira i Solá, «L’acta de consagració de Sant Andreu del Castell de Tona, retrobada», *Anuari*, Tona, 1980, sem número de página.

4. Llovera, *op. cit.*, p. 157-8: “Rovira schlägt vor, daß “organum” als ein Schreibfehler (anstatt “ordinum”) eindeutig zu verstehen ist. “Ordinarium” war das Buch katalanisch früher “ordinari”, heute “ritual” genannt [sic!], so daß nach Rovira die von Albar gebrachten Gegenstände “Kelch, Patena, Meßbuch, Lektionar, “Rituale”, Cassula, Alba und Stola” wären. Die ganze Basis der Argumentation Roviras ist, daß die Existenz einer Orgel in dieser Zeit und an diesem Ort fast unmöglich ist, und daher muß es wohl ein Schreibfehler sein. Er schlägt “ordinum” statt “organum” dazu vor, auf Grund der Tatsache, daß derselbe Schreiber bei einer ähnlichen Einweihung (Sant Pere de Ripoll), dem gleichen Formular folgt und dort das “ordinari” erscheint. Nachdem graphologisch das Wort “organum” klar steht [sic!], ist sehr schwer zu vereinbaren die von Rovira selbst gelobte Zuverlässigkeit des Schreibers mit einem Fehler, der philologisch nicht erklärbar ist, und erfahrungsgemäß nicht gefunden wurde. Andererseits aber scheint die Vermutung, daß keine Orgel sein könnte [sic!], fraglich genug, wenn der Verfasser durch seine eigene Ausdrucksweise, nur die großen Instrumente der “Karolingischen Kathedralen” vor Augen hält, ohne die geringste Andeutung auf [sic!] kleine Instrumente, wie hier möglicherweise der Fall ist”.

5. O texto da doação de Mumadona encontra-se em Coimbra, A. U., doc. 1, e está editado em *Portugaliae Monumenta Historica (Diplomata et Chartae)*, vol. 1, p. 46-47, e mais recentemente em *Vimaranis Monumenta Historica*, Guimarães, 1931, p. 7-10. Sobre esta lista de livros cf. J. Dantas, «Os livros em Portugal na Idade Média. I. A livreria de Mumadona», *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, 2º série 2 (1921) p. 2-7. Reproduzimos aqui apenas a parte referente à questão em estudo, com a pontuação adoptada por M. C. Díaz y Díaz, *Códices visigóticos en la monarquía leonesa*, León, 1983, p. 167, que é também o responsável pela correção *tray(a)no*, no ms. *trayno*. Depois de referir várias alfaias litúrgicas surgem no documento «Viginti libros ecclesiasticos antiphonarios III, **organum**, comitum et manuale, ordinum, psalterios duos, passio-num et precum, biblioteca, moralium, regulas II, canonem, uitas patrum cum gerenticon, apocalipsin, etimologiarum, istoria ecclesiastes, dedeca psalmorum, uirorum illustriorum, et sub una cortex regula beati pacomii, passionarii ambrosii, benedic-ti, isidori et fructuosi et regula puellarum, et alium libellum quod continet, id est regulas benedicti, isidori et fructuosi; liber dialogorum institutionum, beati effrem, libello quod continet uita beati martini episcopi et uirginitate marie uirginis; tray(a)no».

6. *Ibidem*, p. 167: «*organum*, en una copia del siglo XII, denuncia una falsa lectura del original, que acaso en cur-siva escribía *orationum*, libro que de otro modo faltaría inexplicablemente».

J. Mattoso, por seu lado, crê que *organum* «é provavelmente um livro de música chamado *organum*»⁷, interpretação que fora já alvitada por Solange Corbin no seu estudo sobre a música religiosa portuguesa na Idade Média⁸.

Poderíamos, eventualmente, pensar também num órgão, instrumento musical. Se assim fora, este texto teria a importância de, pela integração do instrumento num rol de objectos destinados à liturgia e pela entidade a que se destina, representar uma das atestações mais antigas do órgão como instrumento litúrgico, em toda a Europa. A palavra *organum* pode efectivamente designar o órgão de tubos, e a sua utilização com este sentido na Península remonta a Isidoro que, no séc. VII, apresenta este significado da palavra, assinalando que *organum* podia também designar um instrumento musical de forma genérica, mas que no Latim da sua época era além disso a designação específica mais usual do órgão de tubos, e mais comum do que o termo grego, *hydraulis*⁹. Esta explicação do *organum* vimaranense logrou mesmo alcançar divulgação enciclopédica¹⁰.

As hipóteses são, pois, fundamentalmente três: um órgão, instrumento musical; um livro, cuja designação foi deturpada por erro de cópia; um livro com música de *organa* primitivos. As mesmas hipóteses alvitadas para o *organum* de Tona.

Nenhuma destas explicações, contudo, nos satisfazia, e a nossa estranheza foi-se desenvolvendo à medida que procurámos aprofundar o assunto. Este testemunho paralelo, temporal e espacialmente próximo do texto de Tona, faz-nos excluir a hipótese de um erro de cópia, num caso e noutro. Seria uma coincidência pouco plausível.

Por outro lado, um livro com música a várias vozes choca com a cronologia e com o âmbito geográfico comumente aceite pelos musicólogos para o surgimento dos primeiros *organa*,

7. J. Mattoso, *Religião e Cultura na Idade Média*, Lisboa, 1982, p. 380. Esta interpretação é retomada por J. Mattoso em *História de Portugal. Direcção de José Mattoso, I, Antes de Portugal*, Lisboa, 1993, p. 528: «provavelmente um livro de música sagrada, chamado organon».

8. Solange Corbin, *Essai sur la musique religieuse portugaise au Moyen Age*, (1100-1385), Paris, 1952, p.218-9: «Il est bien difficile d'appliquer le terme à un livre liturgique, et dès lors qu'il fait partie d'une énumération de livres de chœur ou de piété, on ne peut songer ni à l'Organum d'Aristote, ni à aucun ouvrage laïque de droit, logique ou médecine. D'ailleurs un livre d'origine grecque, tel que celui d'Aristote, est assez invraisemblable en 959. On est obligé de s'en tenir à l'explication musicale de l'organum, et d'en faire un recueil de pièces à deux ou trois voix. Cela est autant plus remarquable que le premier écrit où se trouve développée la théorie de l'organum est celui d'Hucbald, mort à Saint-Amende de Flandre, en 930 (les écrits de Scot Erigène, mort en 880, qui le précèdent, ne contiennent que des mentions isolées). Or le premier monument qui nous reste de cet art est du dixième siècle; il est reproduit dans la plupart des ouvrages qui traitent de la notation primitive, le dernier en date étant le traité de M. Willy Apel. Quoi qu'il en soit, nous savons maintenant que la Galice du sud fut prompte à utiliser le système nouveau de composition qui venait de s'élaborer. Par quelle voie l'avait-elle connu? On ne peut songer aux Normands, mais plutôt à des pèlerins ou voyageurs pacifiques de toute sorte: la péninsule n'en manquait pas, malgré les guerres fréquentes.»

9. *Etym.* 3, 21, 2: «Organum uocabulum est generale uasorum omnium musicorum. Hoc autem, cui folles adhibentur, alio Graeci nomine appellant. Ut autem organum dicatur, magis ea uulgaris est Latinorum consuetudo». Note-se que no texto de Lindsay temos *Graecorum*. Parece-nos, todavia, de ter em conta a correcção de Jacques Fontaine, *Isidore de Séville et la culture classique dans l'Espagne Wisigothique*, Paris, 1983, p. 433, nota 3, apesar de não atestada pelos manuscritos colacionados por Lindsay: «ut autem organum dicatur, magis ea uulgaris est Latinorum consuetudo», de acordo com o texto de Agostinho *Enarratio in Ps.* CL, 4: «ut autem organum dicatur, magis latina et ea uulgaris est consuetudo», considerando-se «Graecorum» uma inadverência antiga, devida ao «Graeci» da frase anterior.

10. Na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1935-1960), Lisboa, verbete «mosteiro», o *organum* legado por Mumadona é retirado do elenco dos livros e explicado como «órgão»: «Os objectos de culto já então são riquíssimos nos mosteiros, aí se mencionam estolas, dalmáticas, casulas e pluviais douradas e lapidadas, cruzeiros de ouro com pedras preciosas, um órgão, candelabros, lucernas, turiferários, o que tudo define à maravilha a feição e brilho desta vida monástica medieval, refúgio contra a escuridão e bruteza da época, sempre revolta.»

composições polifónicas primitivas, que nascem em torno da Escola de Notre-Dame de Paris, e aí se desenvolvem entre o séc. IX e o séc. XII¹¹. Solange Corbin já se apercebera de quão espantoso seria encontrar-se tal obra em Guimarães no séc. X, o que não a coíbiu, contudo, de aceitar esta explicação, que não convenceu, todavia, musicólogos posteriores, como João de Freitas Branco¹². Esta hipótese foi também frontalmente contestada por Rui Vieira Nery, para quem é pouco provável que, numa altura em que as influências dos primeiros manuais de *organum* ainda não tinham aparentemente ultrapassado o Norte de França, ela tivesse já chegado à região do futuro condado portugalense¹³. Os musicólogos portugueses contemporâneos orientam-se assim para a noção indistinta de um livro não especificável.

A hipótese de se tratar de um instrumento musical deparava também com dificuldades não despreciables: por um lado, embora o órgão tenha sido inventado por Ctesíbio no séc. III a. C., em Alexandria, e tenha sido utilizado na Antiguidade Clássica, quer como instrumento sinalético na guerra quer como instrumento ligado ao aparato imperial, ou nos combates de gladiadores, é um instrumento profano, e só no séc. XI ele começou a insinuar-se nos espaços sagrados¹⁴.

Os anacronismos referidos acentuam-se com o testemunho catalão, mais antigo ainda.

Há ainda outro aspecto a considerar. Os elementos das doações em questão não surgem nos textos numa ordem aleatória, mas logicamente ordenados. No extenso texto de Guimarães, os objectos relacionados com a vida religiosa do mosteiro surgem agregados num núcleo específico, e os livros aparecem claramente agrupados, explicitados após a menção geral dos «vinte e cinco livros». Esta organização dos *items* é reforçada pelo facto de a ordem ser similar nos dois documentos em análise: os livros são referidos após os objectos metálicos de culto (cruz, candelabros, cálice, patena) e antes das vestes (casula, alva, estola, etc.). Ora a menção vimaranense do *organum* surge claramente no interior do rol de livros, o que no texto catalão não é tão evidente, por ser o último *item* deste tipo de objectos, imediatamente seguido pelas vestes.

11. Sobre o desenvolvimento do *organum* cf. o clássico Gustave Reese, *Music in the Middle Ages*, New York, 1940, cap. 9, "The earlier stages of organum", p. 249-271. Mais recentemente M. Huglo, «Les débuts de la polyphonie: les premiers organa parisiens», *Forum Musicologicum*, 3 (1982), p. 93-163.

12. João de Freitas Branco, *História da Música Portuguesa. Organização, fixação de texto e prefácio de João Maria de Freitas Branco*, 3ª ed., Mem Martins, 1995, p. 54: «Entre outras menções de livros de «comum utilidade», figura um *organum*. Se se tratava realmente de um livro de polifonia primitiva (o que é duvidoso), esse mosteiro vimaranense estava espantosamente avançado para a época. Nada, na literatura musical portuguesa, o confirma, nem mesmo a notação, que até ao fim do séc. XV, se obstina em usar uma só linha.»

13. Rui Vieira Nery/ Paulo Ferreira de Castro, *História da Música (Sínteses da Cultura Portuguesa)*, Lisboa, 1999, 2ª ed., p. 18-9: «A palavra *organum*, tal como surge mencionada na lista dos livros legados no ano de 959 a um mosteiro de Guimarães pelo testamento da Condessa Mumadona Dias, parece aplicar-se ao título genérico de um código literário de temática não especificada - possivelmente de natureza filosófica ou teológica - e não às características do seu hipotético conteúdo musical (caso em que seria mais natural que fosse empregue a expressão *liber organi*). Seria, de resto, muito estranho que a prática polifónica, num período embrionário em que a influência dos primeiros tratados, como a *Musica enchiridis* ou a *Scholia enchiridis*, parece não ter ultrapassado no plano europeu a região do Norte da França, tivesse chegado ao futuro Condado Portugalense ainda antes de a encontrarmos documentada em Itália, na França meridional ou na Espanha.»

14. O órgão eclesiástico só começa a difundir-se a partir do séc. XI, embora haja notícia de um ou outro instrumento do séc. X, mas que têm um carácter claramente excepcional. Cf. Peter William- Barbara Owen, *The organ*, London, 1980, cap. 3. 4, «Early church organs» e 4 «The church organ 1100-1450». *Ibidem*, p. 54: «All ecclesiastical references to organs before the 10th century are to be treated with caution, and even scepticism». Esta cronologia é idêntica à que fora apresentada por J. E. Bertrand, *Histoire de l'orgue. Son introduction dans le culte chrétien*, Paris, 1958 e pelo próprio Julio-Miguel Garcia Llovera para a Península Ibérica, *De organo vetere hispanico*, St. Otilien, 1987.

Por outro lado, um órgão de tubos, apesar de a referência surgir logo após a do antifonário em Guimarães e do leccionário em Tona, é um objecto com uma individualidade demasiado marcada para qualquer dos contextos.

Qual seria então a realidade designada por este vocábulo? Pelo que acabamos de dizer nenhuma das soluções apresentadas se nos apresentava como satisfatória. O contexto aponta claramente para um livro, mas qual?

Organum é tradução latina do grego *psalterium*, que, por sua vez, traduz o hebraico *nabla*, o instrumento que acompanhava os salmos. Este uso está atestado na Vulgata nos próprios salmos e é explicitamente referido por S. Jerónimo¹⁵. Por variação metonímica a palavra foi utilizada para designar os salmos propriamente ditos, por vários autores dos fins da Antiguidade¹⁶.

Um testemunho que, porém, se nos afigura decisivo é o texto de Isidoro que afirma «o livro dos Salmos em grego diz-se *psalterium*, em hebraico *nabla* e em latim *organum*»¹⁷.

Com base neste passo e no paralelo de Tona cremos que os objectos doados por Muma-dona ao mosteiro de Guimarães e pelo presbítero Álvaro à igreja catalã do mosteiro de Santo André eram códices do livro dos Salmos, obra importante em qualquer biblioteca monástica, pela sua funcionalidade quotidiana nos ofícios e pelo seu uso na aprendizagem da leitura.

Há que ter em conta, todavia, que as doações resultam não só das necessidades dos receptores mas também das circunstâncias dos doadores. Dá-se o que se tem. São comuns as repetições de obras nas doações de códices hispânicas, surgindo frequentemente por exemplo, dois e mais livros de Salmos¹⁸, o que implica também que não podemos utilizar o argumento de que um códice exclua a presença de outro com função similar; por outro lado, faltam frequentemente obras que nos parecem indispensáveis e com as quais somos tentados a identificar as referências menos óbvias, como *organum*.

O Saltério surge, aliás, repetidamente associado nos documentos da época ao antifonário¹⁹.

Se Llovera conhecesse o texto de Guimarães, teria certamente enveredado pela suspeita que chega a formular de que se poderia tratar de um livro, e eventualmente dos Salmos, mas de que se afasta por não conhecer designações hispânicas para o livro de Salmos que não *psalterium* entre o séc. VIII e XII²⁰. De facto, na documentação conhecida o termo que surge habitualmente

15. Jerónimo *in Ps. I*: «*Psalterium Graecum est, et latine organum dicitur, quod Hebraei nebel uocant*».

16. Cassiodoro, *Expositio in Psal.*, PL, 70, 1033: «*Psalmus est autem, ut diximus, organum musicum*»; Hilário, *hymn.*, proem, 1: «*propheta Dauid primum organi... Christum hymnis... nuntians*»; Ps. Aug., *serm.*, Migne suppl. 2, 1359: «*ex prisco psalmi organo comperimus*»; Venâncio Fortunato, *carm.* 4, 71, 5: «*organa psalteria cecinit*».

17. *Etym.*, 6, 2, 15: «*psalmodium liber graece psalterium, hebraice nabla, latine organum dicitur*».

18. Em 1020 surgem-nos sete antifonários e três saltérios doados à mesma comunidade, Díaz y Díaz, *op. cit.*, doc. 63.

19. M. Díaz y Díaz, *op. cit.*, doc. 11, do ano de 891: *psalterium uno, antifonario uno*; doc. 16, do ano de 910: *salterium, cantigorum et innorum*; doc. 17, do ano de 915: *psalterium et antiphonarium*; doc. 50, de 969; doc. 73, ano 1042, etc.

20. Llovera, *op. cit.*, p. 156-7: «*Ich habe selbst lange Zeit Zweifel gehabt, ob nun 'organum' nicht ein Buch, z. B. das Psalterium, bedeuten könnte. Anlaß dazu war [sic!] Isidorus' Gedanken. Ein 'Buch' mit 'Polyphonie' ist in dieser Epoche undenkbar. Andererseits kann man in zugänglichen Quellen, beispielsweise in den 69 von Urbel und González gesammelten Dokumenten vom Jahre 780 bis 1191 das Wort 'Psalterium' nur finden, wenn es einen Hinweis auf das Officium darstellt, aber nie, wenn es sich um die Messe handelt. Das kann nicht verwundern, weil nach Pérez de Urbel der Priester in jener Zeit in der Regel die Verse der Psalmen von Introitus, Offertorium und Graduale auswendig konnten (hier eines von den wichtigsten Argumenten des «Liber Commicus»). Ein Buch für die Psalmen ist es also nicht und für die Messe ebenfalls nicht, weil die für die Messe notwendigen Bücher in der Beschreibung aufgeführt sind.*»

é *psalterium* ou a indicação do número de livros dos salmos, designações que coexistem por vezes no mesmo documento, como acontece na doação de Guimarães, em que encontramos também *psalterios duos e dedeca psalmorum* a par de *organum*²¹.

Mas qual a razão deste desvio à forma mais comum de designar o livro dos salmos? Uma hipótese seria o facto de os manuscritos de Guimarães e de Tona serem mais antigos e apresentarem em si mesmos esta designação, representando uma sobrevivência do uso atestado por Isidoro. Tratar-se-ia, assim, de uma designação rara e arcaizante, que teria sobrevivido no Noroeste Peninsular e na Catalunha até ao séc. IX-X.

O apoio do testemunho de Guimarães confirma, segundo cremos, o uso de *organum* na acepção registada por Isidoro. Do ponto de vista da organologia e da história da música, esta conclusão obriga a examinar cuidadosamente todas as atestações hispânicas de *organum* compreendidas entre o séc. VII e o séc. IX-X, eliminando da história dos instrumentos musicais e da polifonia na Península Ibérica as atestações de *organum* que surjam num contexto em que se fale de livros manuscritos ou de alfaias litúrgicas.

Do ponto de vista das designações dos livros eclesiásticos, a hipótese que aqui apresentamos exige aos investigadores uma atenção acrescida para a possibilidade deste sentido de *organum*, que poderá ser corroborada, ou não, pela descoberta de novas atestações.

21. Outro exemplo nos documentos recolhidos por Díaz y Díaz para a monarquia leonesa, *op. cit.*, p. 159, doc. 9, no ano de 889, em doação a S. Salvador de Eiras: «psalterium, deca psalmorum».